

A PLEBE

PELA LIBERDADE COM O ANARQUISMO

(Avulso: Cr\$ 0,50 — Assinatura: Cr\$ 30,00)

Diretor-Gerente: EDGARD LEUENROTH

A EMANCIPAÇÃO DOS
TRABALHADORES TEM DE
SER OBRA DOS PROPRIOS
TRABALHADORES.

O angustiante problema dos transportes coletivos sómente será resolvido pela ação direta do povo

O povo, já bastante espremido por toda a espécie de explorações e roubalheiras, desde os alugueis astronômicos ao elevado custo da vida, vai ter aumentados, dentro de pouco tempo, os preços das passagens de bondes e ônibus.

Esse aumento, que deveria ter começado no dia 1º do corrente, no início a C.M.T.C. (Companhia Municipal de Transportes Coletivos) as suas atividades, foi temporariamente suspenso, em virtude dos protestos surgidos contra mais esse atentado à bolsa vazia e remediada do povo.

Justamente agora, quando as perspectivas de grave crise provocada pelo desarranjo da gerência capitalista ameaça agravar ainda mais a vida da classe trabalhadora, quando as fábricas se fecham e as ruas se enchem de desempregados à procura de emprego é que se lembram, os responsáveis pelos serviços públicos, de aumentar o preço das passagens de bondes e ônibus, numa atitude acintosa e provocadora.

Não bastam ao povo o tormento das filas, o "cambio negro", a falta de casas para morar, a escassez de óleo e o preço elevado de todos os artigos de primeira necessidade: é preciso arrancar-lhe as migalhas dos pacotes salariais, tornando-lhes mais caros os meios de transporte de que necessita para ir para as oficinas e fábricas a ganhar o pão de cada dia.

Entretanto, milhões de cruzados são gastos para manter o parasitismo político, dando ao povo espetáculos degradantes de falatórios inúteis e lavagem de roupa suja no recinto parlamentar.

Porque não se revertem esses gastos superfluos, e outros gastos superfluos também feitos com o parasitismo da burocracia governamental existente apenas para atender ao filantropismo político, em beneficiar o povo, dando-lhes transporte decente e comodo, escolas gratuitas e assistência para todos?

Não achem do povo, em forma de impostos, cada vez mais esmorrachados, os dinheiros que são gastos para manter esse parasitismo oficial?

A tendência da economia política é para a socialização dos serviços públicos. Mas aqui, no invés disso, irradia-se para fazer dos serviços públicos a forma mais antipática de exploração econômica e de comércio esmerilhante.

O povo é que tem de pagar todos os excessos das ladrocinhas políticas. Ele é sempre o único atingido nas aperturas do minotauro estatal, que não se cansa nunca de exigir mais sacrifícios, embora o povo fique reduzido à fome e fique nu.

O aumento dos preços das passagens em bondes e ônibus não se justifica. Se é preciso reajustar os salários dos empregados em transportes, o que é justo, e, de fato, necessário, que os meios para isso sejam procurados nos excessos dos gastos esbanjados com o parasitismo oficial. E ainda sobra muito dinheiro...

A suspensão temporária do aumento nas passagens não passa de uma farça para aplicar, menos ostensivamente, mais essa sangria à economia popular.

Temendo as consequências, vão procurar fugir pela tangente, iludindo o povo com possíveis aumentos parcelados e por escalas enganadoras, até ser atingido o objetivo da empresa.

Se a finalidade desse novo organismo não é auferir lucros, como dizem as notas publicadas em todos os jornais, porque não se entrega, então, à administração dos técnicos e operários, ao próprio povo, o serviço de transportes coletivos? Isso nem seria uma novidade, pois há o exemplo fecundo, e provavelmente construtivo, dos trabalhadores de Barcelona, durante a revolução espanhola de 1936. Tendo os diretores da empresa que explorava o serviço de transporte naquela cidade abandonado a posto, os trabalhadores, por intermédio do Sindicato dos Operários de Transportes, filiados à Confederação Nacional do Trabalho, tomaram a si a responsabilidade da administração desse serviço. Pois bem, apesar de haverem sido aumentados os salários e o número de trabalhadores, foram

entregues, durante um ano, 60 milhões de pesetas à municipalidade, quando a companhia tinha estipulado, no contrato, a obrigação de entregar 8 milhões!

Além disso, dentro desse prazo, foram construídas 14 novas linhas, sobrando no Sindicato muitos recursos para continuar a sua obra de melhoramento no serviço de transportes coletivos.

Seria interessante que, seguindo esse exemplo, aqui se experimentasse também a capacidade construtiva dos trabalhadores! Era um ensaio demonstrando como se fará no futuro, quando se operar a transformação social no sentido anarquico.

Está claro que não poderá esperar uma iniciativa dessa natureza por parte dos capitalistas, pois, que eles só agem com fins de lucros.

Somente os trabalhadores, organizados e com a ação direta, poderão resolver o problema dos transportes — como todos os demais que estão exigindo solução.

A Revolução Espanhola OS ENSAIOS COLETIVISTAS DOS LIBERTARIOS

I

A economia preconizada pela Confederação Nacional do Trabalho, durante o período revolucionário, tem feito correr rios de tinta, em comentários contraditórios, muitas vezes mal intencionados, pelos que tinham tem e terão interesse em desvirtuar a obra construtora das coletividades, em abafar o espírito inovador dos coletivistas e a força do federalismo aplicada ao bem-estar da sociedade.

Os sociólogos deverão inspirar-se nos métodos dessa ordem revolucionária se, verdadeiramente, querem oferecer à humanidade um método de convivência que harmonize os interesses individuais e coletivos dos produtores e consumidores em todas as latitudes do planeta, dentro de uma equidade e a justa participação de todos no haver do patrimônio social!

Partindo desta lógica, o dever dos autores e atores desse plano gigantesco de uma nova vida é desempoeirar os documentos das realizações vividas. Para isso, precisamos recordar aqueles trágicos dias cheios de inquietações e de grande preocupação moral.

A intervenção do capitalismo internacional contra a revolução proletária iminentemente social tornaria difícil, senão impossível, a estrutura de um plano definitivo de economia libertária. Isto motivou as notícias que no curso dos dias e das realizações se puderam notar, sem alterar, é claro, o fundo da concepção doutrinária que os trabalhadores imprimiam ao novo sistema de produção e distribuição da riqueza social.

Sobre os ensaios coletivistas da revolução libertária espanhola, que se cristalizaram em uma fórmula de socialização desconhecida, ouvimos dizer barbaridades, e as temos comprovado escritas, pelos que desconhecem o problema social analisado sob o ponto de vista coletivo.

Esta inconciliância se patenteia, sobretudo, nos homens que não sabem, ou não querem opinar sem que prevaleça o princípio do Estado como entidade reguladora da vida dos povos.

As deficiências dos órgãos e organismos do Estado foram suplantados pela livre iniciativa do homem; e o conjunto das iniciativas fez da Confederação Nacional do Trabalho o elemento regulador da nova economia.

Os marxistas de todas as escolas, vinculados aos preceitos da economia burguesa, por interesses de partido, mantiveram o critério errado de oposição sistemática à economia federalista da C.N.T.

Essa atitude provocou uma legislação confusa e de impossível aplicação em benefício dos interesses coletivos. Os fatos vieram demonstrar que, com o código na mão, por mais avançadas que se pretendam as leis reguladoras, estas encarnam a pior forma de coação moral e estrangulam a iniciativa individual que é o cérebro condutor das novas energias.

Pierre BESNAUD



Servindo-se da cruz como chamariz, a exemplo de seu aliado — o clericalismo — o fascismo nacional ainda tenta arrastar o proletariado para o abismo da reação.

Uma farça como há muitas

O caudilho que tiraniza o povo espanhol, procurando reduzi-lo à expressão animalística dos eunucos do pensamento, deu à luz um ratinho na montanha da política sordida de que se tornou campeão: o plebiscito que transforma um dos povos mais arrojados no conceito da liberdade em rebanho de escravos de um regime que só se justifica, hoje, como elemento decorativo ou como expressão ridícula de uma tradição em decadência.

A julgar pelas notícias dos jornais trombeteados pela propaganda franquista, que assinalaram como grande vitória de Franco o plebiscito realizado no dia 6 do corrente na Espanha, parece que, realmente, o pronunciamento do povo espanhol foi em favor da restauração monárquica.

Entretanto, se considerarmos que a população da Espanha se compõe de vários milhões de habitantes, e que apenas 600.000 votaram o referendo da sucessão, não se pode deixar de crer na capacidade revolucionária daquele povo de trabalhadores que, em 1936, teria realizado um dos maiores sonhos da humanidade, implantando o regime da liberdade e da justiça social se as hordas do fascismo internacional não tivessem intervido na revolução espanhola.

E' ridículo pensar-se que apenas 600.000 pessoas possam representar a opinião de vários milhões, principalmente se considerarmos que só de funcionários do burocratismo governamental e das classes armadas existe, na Espanha, em número mais elevado, o que bastaria para garantir a vitória do referendo.

Ao contrário de uma estrondo-

sa vitória, o plebiscito na Espanha constituiu uma repulsa das consciências livres do povo espanhol à tirania de Franco.

Demonstra que, apesar de haver centenas de milhares dos elementos mais vivos da população da Espanha no estrangeiro, desterrados no exílio forçado a que foram condenados pelo reacionarismo franquista, ainda assim, aquele povo manifestou a sua repulsa abstendo-se de votar na farça organizada por Franco para mistificar as diplomacias das potências estrangeiras, dando caráter de legalidade à burla do plebiscito.

Como se esse plebiscito não fosse feito nas mesmas condições em que foram feitos os que, na Itália, na Alemanha e em Portugal, justificaram a permanência de Mussolini, Hitler e Salazar no poder!

A resposta ao plebiscito deu o povo espanhol na grande jornada de 19 de Julho de 1936, quando, então, sim, manifestou a sua vontade.

Semeando Idéias

A liberdade é o maior bem que possuímos sobre a terra, e, uma vez violado o direito que a personalidade tem de agir, o homem, para reconquistá-la, é capaz de tudo: de um momento para outro, ele, que dantes era covarde, torna-se um herói, ele, que dantes era a inércia se multiplica e subdivide; e ainda mesmo esmagado pelo peso da dor e das perseguições, ainda sujeito a morrer, de suas cinzas renasce sempre mais bela e mais pura a liberdade.

Marechal Deodoro da Fonseca

FINALIDADES DO ANARQUISMO

O ANARQUISMO PROCLAMA

Que a liberdade como meio e como fim constitui a essência das idéias anarquistas.

Que o Estado, o poder organizado da coação e repressão, apoiado na desumana premissa da incapacidade e desprezo do indivíduo, o Estado repetimos, é o primeiro obstáculo oposto à plena realização da liberdade e da justiça.

Que os conceitos de organização e administração das entidades e interesses sociais nada têm de comum com a capacidade do Estado de poder organizar e administrar.

Que o Estado é tão somente o defensor dos privilégios de classe, alheio à equidade e principal fator do desajuste social.

Que não existe organização social possível sem o implícito reconhecimento da soberania coletiva.

Que essa valorização do indivíduo tem sua transcendência lógica na autonomia de todos os núcleos sociais entre si.

Que o pacto livre e a federação voluntária condicionado pelo mútuo consentimento e pelas necessidades, devem constituir o cimento de toda organização coletiva.

Que não existe livre associação nem soberania popular se todos os movimentos não forem orientados do simples ao complexo, do indivíduo à sociedade, de baixo acima, substituindo a arbitrariedade autocrática pela necessidade comum, o mando discricionário pelo mandato condicionado, o poder ilimitado pela gestão definida.

Que esses nobres objetivos só podem conseguir-se procedendo-se com táticas concordes com os princípios.

Que um comportamento anarquista na ordem individual e uma prática federalista no plano orgânico, são condições para imprimir efetiva influência no meio social destinado a transformar-se.

Que todos os desvios definitivos e providenciais tendem automaticamente a desvirtuar os princípios, afastando-se das finalidades.

Que o anarquismo não pode ceder a veleidades oportunistas sem entrar em colisão com os motivos consubstanciais de sua existência e razão de ser histórica.

Estas foram as declarações dos princípios que fazemos nossas — aprovadas na Conferência Intercontinental da Federação Anarquista Ibérica, realizada em março último.

O Anarquismo na Prática

Por iniciativa da Juventude Spartacus, do Rio de Janeiro, realizou-se, no dia 21 de junho, uma conferência, em que o companheiro Manoel Perez, durante duas horas, expoz as fases construtivas do anarquismo durante a revolução espanhola de 1936 a 1939.

A guisa de prólogo, o companheiro Perez fez um histórico do movimento revolucionário na Espanha, desde 1848 até 1936, demonstrando que as revoluções fracassaram até então, porque os revolucionários se preocupam de fortalecer o Estado, matando, dessa maneira, toda a iniciativa revolucionária do povo.

A seguir, fez um breve histórico das lutas em Barcelona, Madrid e outras localidades, ressaltando a ação heroica dos elementos da F A I, C N T e J J L L no assalto ao famoso quartel de Atazarana, em Barcelona. Esclareceu que, das 50 províncias espanholas, 29 delas ficaram em poder dos revolucionários e só onde a C N T e F A I não contavam com fortes organismos de ação os fascistas conseguiram triunfar.

Com referência à parte propriamente construtiva, o mesmo companheiro citou vários exemplos que demonstram a capacidade de realização do movimento anarquista na Espanha. Citou, como exemplo, o fato ocorrido na Fábrica Espano-Suiza, que, no dia seguinte à eclosão do movimento, havendo os patrões abandonado a mesma, reuniram-se os trabalhadores para determinar a continuação do seu funcionamento, que, não só se fez de maneira mais humana, como determinou um aumento de 35% na produção. Outro exemplo lembrado foi o da companhia de bondes canadense. Esta companhia, por convênio com o governo da Catalunha, tinha a obrigação de entregar à municipalidade de Barcelona oito milhões de pesetas anuais. Durante o primeiro ano do período revolucionário, em que a referida companhia foi administrada pelo sindicato de transportes, da CNT, não só foram aumentados o salário e o número de operários, como ainda se construíram 14 linhas a mais. Note-se que até então havia sido alegado pela referida companhia a impossibilidade de construção de novas linhas por falta de recursos. Além disso, foram ainda entregues sessenta milhões de pesetas à municipalidade, restando para o fundo sindical capital suficiente para continuar realizando melhorias não só no serviço público, como também na construção de casas para os trabalhadores. Isso demonstra o ganho fabuloso, aqui, da Light, que é a mesma companhia que efetuava os transportes em Barcelona.

Referiu-se também à indústria de móveis, construção civil e outras indústrias, nas quais se procedeu da mesma forma.

Passou depois a tratar do trabalho agrário, em que a capacidade construtiva dos trabalhadores mais se acentuou. Demonstrou que, em algumas localidades, foi abolida a propriedade da terra, passando-se ao equilíbrio da produção e consumo por intermédio dos organismos sindicais. Por fim, respondendo a alguns dos presentes, o conferencista passou a mencionar os métodos de tática e de luta da C N T, demonstrando que só foi possível ao proletariado espanhol realizar as partes construtivas de uma verdadeira revolução durante o período de 1936-39, devido à educação anti-autoritária e anti-política da CNT. Referindo-se à ação direta diz que essa tática de luta, adotada pelo movimento anarquista, não é, como muita gente supõe, atirar bombas, mas antes a relação direta nas lutas entre os trabalhadores e o patronato, sem intervenção do Estado ou outro organismo político qualquer.

Respondendo a outro aparte sobre a educação tática dos trabalhadores cenetistas, mencionou a greve dos padeiros em Las Palmas, demonstrando que todos os sindicatos, antes da revolução, possuíam estatísticas completas desde o custo da matéria prima até ao da mão de obra, e quando os patrões pretenderam aumentar o preço do pão, os trabalhadores declararam-se em greve, por considerarem tal aumento um roubo.



GIGI DAMIANI

Gigi Damiani fez anos. Completou 70 anos, 70 anos de lutas entre sobressaltos e sofrimentos. Boa parte dessa existência fecunda, passou-a no Brasil. Em 1919 meteram-no num navio — e ele começou a sua peregrinação pelo mundo, sempre lutando. Quando na Tunísia, tirou essa fotografia em que aparece com uma filha no colo, que hoje está moça e ele mais velho. Agora está em Roma, à testa da "Umanità Nova".

"A Plebe", onde pelejou conosco, envia-lhe as saudações libertárias dos que aqui ficaram.

Curso de Higiene Mental

Com a palestra anunciada para ontem, do dr. Mário Yahn, que escolheu o tema "A importância da higiene mental na sociedade", teve início o novo curso de higiene mental promovido, em cooperação, pelo Centro de Cultura Social e a Universidade Popular Presidente Roosevelt.

Todas as segundas-feiras, às 20 horas, no salão do Grêmio Dramático Espano-Americano, à rua do Gazômetro, 738, realizar-se-á uma dessas palestras, de grande utilidade para a cultura popular.

A do dia 21 do corrente será realizada pelo sr. Spártaco Vizotto, que discorrerá sobre o tema "Higiene Mental na Infância".

As palestras são antecedidas de exibições de filmes adequados. A entrada é franca.

Calidoscópio

AINDA A PROPÓSITO DE WALLACE

Ainda a propósito da superficialidade e da ingenuidade de Wallace como político, direi mais algumas palavras como acréscimo ao que a respeito já disse em número anterior.

Wallace é, embora a seu modo, assim como que um Quixote contemporâneo, pensando que, com meia dúzia de conferências, poderá fazer alguma coisa no sentido de conciliar os conflitos e agravos que, de dia para dia, mais se acentuam entre dois imperialismos representados por dois políticos maquiavélicos, retrógrados e reacionários, cada qual a seu modo, dentro dos respectivos regimes: Truman e Stálin.

Em seus ataques à doutrina de Truman, Wallace afirma que tal doutrina consiste "em enviar para o estrangeiro canhões ao invés de charreiros". E prossegue:

"Os Estados Unidos propõem-se igualmente a enviar missões militares para o mundo inteiro e a armar as repúblicas da América Latina. Nós escovamos Peron e preparamo-nos para cooperar com a Argentina, e, ao mesmo tempo, a Argentina reforça suas relações com a Espanha franquista. Em quase todos os países cooperamos cada vez mais com os reacionários contra o homem do povo, o que significa que o homem do povo se volta cada vez mais para a Rússia a fim de receber auxílio dela".

Eis aí algumas verdades ditas com clareza e precisão, mas das quais se deduz, em última análise, que, de um ou de outro modo, o imperialismo americano está contribuindo para o reforço do imperialismo russo. De resto, até aqui Wallace se mostra incoerente, como incoerente, aliás, são todos os políticos, por se basearem quasi sempre em princípios falsos. E' que, na sua luta dentro da política internacional, Wallace sempre tem tomado uma atitude unilateral em favor da Rússia. Ora, em vista disso, torna-se elocioso o reacionarismo de Truman, posto que isso venha contribuir para que o povo, dentro da borrasca que parece se aproximar, se volte para a Rússia como o único porto de salvação.

No nº 35 de AÇÃO DIRETA, o camarada Otília relembra, a propósito do fechamento do Partido Comunista, as palavras de Bakúnin, pronunciadas há oitenta anos, de que, onde houver dois Estados de igual força ou com iguais ambições, haverá rivalidade, luta comercial, guerra. Pois bem, com respeito ao que se está passando na Europa, as palavras de Bakúnin são de uma atualidade flagrante. O que atualmente ali se está dando, é o conflito entre as ambições, pequenas e grandes, de diversos Estados, aos quais se estão sobrepondo o Estado norte-americano

e o Estado russo. Ultimamente, Wallace andou pela Europa, porém, nem mesmo de perto parece ter observado nada disso, tal é a sua falta de argúcia.

"Se os Estados Unidos querem combater o comunismo — afirma Wallace — o melhor meio é dar de comer a quem morre de fome". O que é que esse cavalheiro entenderá por comunismo? Pois não são as próprias doutrinas comunistas que nos dizem que o único meio de implantar o comunismo, é dar de comer a quem tem fome? Por outro lado, se há fome, como de fato há, sempre houve e haverá enquanto durar a sociedade burguesa, então não há comunismo algum. Como, pois, pretender matar aquilo que, infelizmente, ainda não existe?

O VENDEDOR DE PENEIRAS

Um velhinho passa, trôpego e curvado pelo peso das suas sessenta e cinco, ou setenta e tantas — quem sabe lá! — primaveras. Todo o seu aspecto é de quem muito tem trabalhado. Por isso, desde há tempo faz jus a um descanso, para os poucos anos de existência que lhe restam.

No entanto, ele agora vai descendo a rua Paula Sousa, alquebrado, arrastando lentamente os pés. Carrega, sob o braço direito, algumas pequenas peneiras, de rala tela de arame, para vender. Estes crivos servem para aproveitar, limpando-os do cisco, depois de ajustados, os cereais que, na carga e descarga, caem de alguns sacos furados.

O velhinho detém-se em uma das portas de um dos armazéns onde se vendem por atacado cereais, na qual está, de pé, o proprietário. Tira de baixo do braço uma peneira, oferecendo-a ao comerciante, sem pronunciar uma palavra. Este fita-o e diz:

— Para que serve isso? O sr. não vê que são muito pequenas? O melhor é o sr. ir com elas pescar chorão por aí em algum rio.

— O sr. tem razão — responde, com um sorriso amargo, o vendedor de peneiras. — Realmente, eu saí de casa com essa intenção; mas vejo que tomei o bonde errado. E' que a rua Paula Sousa é um rio que só da "tubarões".

Oswaldo Salgueiro

ENDEREÇO DE "A PLEBE"

"A Plebe" tem sua redação provisória à rua José Bonifácio, 387, sala 10, onde, a partir das 20 horas, é encontrada uma pessoa para atender quem precisar de tratar de assuntos referentes ao jornal.

O Socialismo será livre ou não será socialismo.

RODOLFO ROCKER

Há, talvez, uma centena de séculos, um homem submete sua vontade à vontade de outro homem. Desde esse dia, surgiram no seio da humanidade as primeiras formas de OPRRESSÃO por um lado e de SUJEIÇÃO por outro.

Mais tarde, um homem se revoltou contra esse estado de coisas. Nasceu aí a primeira idéia da transformação social.

Um grupo de homens, tendo compreendido a idéia da transformação social, pôs-se em luta contra a OPRRESSÃO, contra a SUJEIÇÃO, pela igualdade de direitos sociais. Essa luta encontrou resistência, não só das classes dominantes, mas de todos os homens que não tinham compreendido a idéia da transformação da sociedade. Começou, então, a luta social que, através das idades, tomando centenas de variadas formas — ora como instituição jurídica, ora religiosa, ora tomando o seu verdadeiro caráter social revolucionário — continua — não sabemos até quando — sendo o motivo fundamental de batalhas sangrentas, de mil esperanças e desilusões.

Através do tempo, através dos anos, através dos séculos os homens se têm degradado, constituindo movimentos soberbos para terminar com a OPRRESSÃO e com a SUJEIÇÃO, pela igualdade de direitos sociais.

Em cada nova inovação política ou social, os homens deixaram sempre uma abertura para a penetração de um germe que, na sua evolução, sempre tem constituído a continuação de justamente daquilo que se tem querido exterminar: a OPRRESSÃO, a SUJEIÇÃO.

Politica e Socialismo

LUCCA GABRIEL

Este germe é o princípio de auto-riedade.

No século XIV, teve início um movimento cristão que se agitou com o nome de anabatista. John Wiclef, um sacerdote revoltado contra o absolutismo da Igreja Católica, o encabeçou. Este movimento teve um caráter eminentemente revolucionário; mas, tal como aconteceu com os outros movimentos, degenerou em novo absolutismo. O movimento anabatista, como o católico, é responsável por enormes matanças, por monstruosas perseguições movidas contra aqueles — cristãos ou não — que não aceitaram as suas regras. Quasi todo movimento cristão teve origem revolucionária — clamando contra a OPRRESSÃO e a SUJEIÇÃO nas relações humanas, pela liberdade e bem-estar para todos — e degenerou, através das igrejas, em novos absolutismos que, nos anteriores, superaram apenas na arte de torturar, de trucidar, de matar centenas de milhares de seres humanos!

A religião cometeu tantas atrocidades, mesmo entre os seus próprios membros, que a história da humanidade alagou-se de sangue nas lutas religiosas de todas as tendências. Todas as suas experiências foram desastrosas. Pode ser que tenham feito algo de bom e de útil. Não obstante, o mal foi tão grande, que deixa o resto ofuscado. Canalizando todas as aspirações da renovação social no interesse do fanatismo religioso, souberam sufocar-las quando essas aspirações pretenderam ir além de suas determinações. O cris-

tianismo passou a ser um instrumento nas mãos das classes conservadoras para manter a forma de OPRRESSÃO e SUJEIÇÃO nas relações humanas.

Contudo, os movimentos sociais não pararam na religião. Embora influenciados por ela, os homens que queriam a transformação social olharam-na com desconfiança. Foram libertando-se paulatinamente, ao mesmo tempo que se deixavam influenciar por idéias autoritárias uns, por idéias libertárias outros. Daqui resultou o socialismo em duas concepções distintas. Ambas olharam para a política e para a organização da sociedade. Concordaram em que a atual organização social produz um mal-estar que reclama rápida e completa transformação das condições econômicas, passando a propriedade da terra e dos meios de produção para a administração da comunidade. Os autoritários, porém, acharam que o mal todo residia unicamente nas condições econômicas. Bastaria um Estado centralizador controlar a economia, e os outros problemas seriam resolvidos automaticamente, pois eram produtos das condições econômicas. Bastaria, então, no proletariado, que no entender da corrente socialista-autoritária deveria herdar o poder da burguesia, organizar-se em partido político independente para, em certo momento histórico, tomar as rédeas do poder e organizar o Estado ideal que deveria desaparecer por falta de função...

Os libertários não compreenderam as coisas assim. Que as condições

econômicas geram um mal-estar social — isso nunca foi novidade. Já o haviam percebido, há milhares de anos, os "sábios" de todas as partes. Mas que unicamente as condições econômicas sejam as causas de nossas aflições, isso não! O poder, sim! O poder político — do governo democrático ao monárquico, o poder econômico — do particular ao estatal, o poder moral — monopolizado por qualquer instituição. No poder consubstanciado no Estado, é que reside a causa de todas as nossas aflições e os desvios dos objetivos das lutas sociais. Pretender que o Estado possa levar ao socialismo é pretender que o socialismo seja a tirania e o absolutismo. E' contra o poder que a humanidade se tem batido através dos tempos e continuará a se bater enquanto ele existir. A centralização num único poder econômico, político ou moral, pode gerar qualquer monstruosidade que a História não conhece precedentes — um absolutismo mais brutal e desmedido que todos os anteriores, a aniquilação de toda a nossa cultura liberal, o exterminio de todo pensamento desinteressado. A autoridade não desaparecerá com as classes — criará novas formas que serão a confirmação da OPRRESSÃO e da SUJEIÇÃO no seio da sociedade. Ela continuará a gerar novos sofrimentos, novas lutas. Ela querará existir e lutará para isso. E' contra ela que devemos levantar nossos brados — ECRASEZ L'INFAME! — e empunhar nossas armas. Somente uma organização revolucionária, com bases profundas

na liberdade, despidida de todo autoritarismo e de todo centralismo, poderá conseguir esse desiderato. Combater todo centralismo, toda forma de autoridade é a missão da luta social em favor do socialismo. Fundar um partido socialista é o primeiro passo para a degeneração do socialismo, é abrir as portas à infiltração do germe de sua própria destruição. O socialismo tem que se constituir em federações libertárias, de modo a tornar impossível qualquer infiltração autoritária. O socialismo tem que ser livre.

Não é preciso muito raciocínio, nem muita ciência, hoje, para se compreender os trágicos efeitos trazidos pelos Estados centralistas dos últimos tempos. Em menos de meio século, desencadearam duas guerras mundiais, uma mais terrível que a outra, e, talvez, antes que se passem cinquenta anos da primeira guerra, tenhamos a terceira, que será por certo mais terrível que as outras duas. Os partidos socialistas conseguiram crescer, mas esqueceram as velhas teorias que falavam na tomada da terra e dos meios de produção. Hoje têm por meta a conquista do poder político e a sua atuação se perde no caos da sociedade capitalista, desviando toda ação dos trabalhadores para as urnas eleitorais.

Os anarquistas têm demonstrado, em suas lutas e métodos de propaganda, que nenhum outro caminho se abre à humanidade para que esta atinja o objetivo da liberdade, senão aquele que conduz à abolição completa do princípio de autoridade.

E a história das lutas sociais nos ensina que eles estão com a razão.

Campos, Fábricas e Oficinas

A Organização Sindical de Ação Direta

Os anarquistas encaram a organização sindical de resistência dos trabalhadores como um fenômeno imaneente da sociedade capitalista, consequência natural da luta social que se manifesta e desenvolve com ou contra a vontade de qualquer partido, como expoente da necessidade irreprimível das vítimas do salarido se solidarizarem para a defesa dos seus direitos vilipendiados pelo patronato.

Essa organização baseia-se no princípio de que o trabalhador se associa pela sua condição de assalariado e não na base dos princípios ou crenças de cada um.

O sindicato, que é hoje o organismo de luta permanente contra o patronato e contra o Estado, sendo também um poderoso elemento de educação social dos trabalhadores, pois traz em constante exercício o seu sentimento de solidariedade, mantendo vivo o seu espírito de combatividade e dotando-o de uma concepção de conjunto da obra renovadora do sindicalismo, está destinado a ser, amanhã, a base essencial da reconstrução econômica da sociedade, assegurando a viabilidade das concepções libertárias em oposição a toda tendência centralista e autoritária.

Os anarquistas propugnam a organização sindicalista, organização essa baseada no federalismo libertário, que se articula de baixo para cima, da base para o ápice, da unidade para o todo, do indivíduo para a coletividade, do simples para o composto.

Partindo dos núcleos radicados nos locais de trabalho, vai-se ampliando através dos organismos de bairros, subúrbios, cidades, Estados, regionais e nacionais, culminando na Internacional. Assegurando a autonomia do indivíduo no sindicato, do sindicato na federação, em seus vários graus, e desta na confederação, que, por sua vez, é autônoma no seio da internacional — americana e mundial — tem a força de sua ação na solidariedade voluntária de seus membros.

Assentada nessas bases fundamentais, a organização operária sindicalista libertária articula a sua estruturação com a necessária liberdade de movimentos, repelindo o estorvo do burocratismo e orientando a sua administração da maneira mais simples possível, de forma a servir também de exercício de capacitação associativa, para o que todos os seus mandatos são imperativos e revogáveis, exercidos desinteressadamente, salvo casos excepcionais, como um esforço em prol da causa coletiva, que é a causa de cada um de seus membros.

A organização operária sindicalista libertária reúne todos os trabalhadores da indústria, do comércio, da lavoura, dos meios de transportes, dos centros em que se cuida da saúde, da educação, das artes e diversões, enfim, todos os assalariados, todos os elementos que vivem do ganho de seu trabalho, manual ou intelectual, sem explorar o trabalho de ninguém nem perceber renda de capital acumulado.

Essa organização não admite a intromissão da política partidária nos meios proletários, repelindo o predomínio, a interferência ou a influência de qualquer partido, mesmo que se apresente como proletário, não podendo exercer em seu meio qualquer mandato os dirigentes de partidos políticos ou setas religiosas, nem quem ocupe cargos políticos ou a eles se faça candidato.

Baseando na lição de um longo período de experiências, feitas em toda a parte onde o proletariado tem desenvolvido atividade em prol de seus direitos, demonstrando que



Somente assim os sindicatos voltarão a expressar a vontade do proletariado.

sua emancipação não pode vir de fora de sua vontade e ação, o sindicalismo libertário repele como danosa a delegação de poderes com a participação da organização operária nas disputas político-eleitorais, propugnando, ao contrário, a ação direta como a única eficiente na luta contra o regime burguês, e sem a qual nem mesmo as mais insignificantes medidas legais serão aplicadas em favor dos trabalhadores.

Alimentando os laços de solidariedade entre os trabalhadores no ambiente emancipador da atividade de sua organização de luta, fazendo com que repudiem todos os vícios, maus hábitos que os prejudicam moral e fisicamente, bem como todos os preconceitos e superstições, sustentando paralelamente uma permanente obra de educação e instrução, a organização operária sindicalista libertária desperta-lhes o senso de responsabilidade, elevando-lhes o nível dos conhecimentos intelectuais, profissionais e sociais, de maneira a serem todos elementos valiosos no movimento pela emancipação da classe trabalhadora.

A organização operária sindicalista libertária tem por fim estreitar os laços de solidariedade entre o proletariado, dando mais força e coesão aos seus esforços na luta pela reivindicação de seus direitos morais e materiais, econômicos, profissionais e sociais. Unindo o proletariado para a sua ação de resistência à exploração e opressão patronal, dos elementos e instituições que a sustentam, bem como para a ação em prol da melhoria de sua situação presente, o sindicalismo libertário objetiva a completa emancipação da classe trabalhadora do domínio do capitalismo e do Estado que mantém o regime da exploração do homem pelo homem.

Assim, a organização operária sindicalista libertária tem por fim

lidade estabelecer uma sociedade baseada no princípio de justiça social, na qual o produto do esforço de todos que trabalham se destina a proporcionar o bem-estar a toda a coletividade produtora.

Baseada em princípios que correspondem à necessidade da união da classe trabalhadora com o respeito da individualidade de seus membros e da autonomia de seus organismos, articulando a sua estruturação sem os entraves do centralismo, burocrático e corruptor, o que lhe assegura a precisa elasticidade de movimentos, a organização sindicalista libertária proporciona à organização coletiva da sociedade um imenso organismo econômico com a eficiência capaz de assegurar a todos e a cada um dos que trabalham e produzem o bem-estar e a liberdade a que fazem jus, pondo termo ao império da injustiça e estabelecendo o regime da justiça social.

Edgard LEUENROTH

"A Plebe"

Mesmo sem termos recomencado definitivamente a publicação regular de "A Plebe", que deverá aparecer nos dias 1 e 15 de cada mês, aí vai mais este número, como estímulo aos companheiros e simpatizantes no esforço para a coleta de recursos.

A vida do jornal depende de todos. Todos, portanto, precisam desenvolver atividade em seu favor, fazendo circular as listas de subscrição voluntária por nós fornecidas, conseguindo assinantes e cooperando para aumentar a sua circulação, e, para esse fim, estimulando os jornaleiros a vendê-lo.

Correio Plebeu

CAMPINAS — A. P.: Recebemos sua carta e os 150 cruzeiros: 60 seus, 40 do M. A. L. e 50 do O. P. Seguiremos suas indicações na remessa. Precisamos difundir o jornal aí.

ARARAS — R. V. F.: Sua carta oferece interesse para uma seção que iniciaremos no próximo número, destinada a conversar com os amigos do jornal.

SANTA BARRBARA — L. A.: Agradecemos o recebimento de sua carta. Envie-nos endereços de companheiros e simpatizantes daí e de outras localidades. Enviaremos o pacote encomendado.

Pelo Mundo Anárquico

BULGARIA

O movimento anarquista tem uma longa vida de lutas na Bulgária, sofrendo terrivelmente as consequências da reação.

Nestes últimos tempos, a imprensa anarquista internacional tem divulgado notícias dolorosas e que causam indignação acerca da situação dos companheiros búlgaros que estão sobre o feroz regime imposto militarmente pelo stalinismo. Apenas chegaram ao poder, os bolchevistas não perderam tempo, a despeito de suas repetidas promessas de liberdade de palavra, de imprensa e de organização para todas as forças anti-fascistas, em recomendar a repressão a toda e qualquer manifestação libertária com tal violência que nada fica a desejar à empregada anos atrás pelo governo reacionário de Zancoff e seus generais.

A Federação Anarquista Búlgara solicitou, há pouco tempo, e obteve autorização para realizar um congresso nacional em Sofia. No dia marcado, a polícia invadiu o local público alugado para esse fim, prendendo os delegados presentes, que ali estavam representando as suas organizações, os quais foram em seguida enviados para os campos de concentração de Bonitza e Rseil onde estão detidos mais de 2.000 militantes anarquistas, entre os quais sete redatores do jornal "Rabnothesia", que, com indiscriminável assanhamento, foram espancados.

Entre as organizações que foram postas de novo na clandestinidade, ou que sofreram a suspensão e fechamento de seus jornais, figura a União das Juventudes Agrárias, União das Juventudes Socialistas, a Federação dos Estudantes Anarquistas, a Federação Anarco-comunista búlgara e a Confederação Nacional de Trabalho da Bulgária.

Contra essa obra reacionária dos bolchevistas búlgaros à ação dos anarquistas, que tem tido repercussão mundial, a F. A. F. (Federação Anarquista Francesa) e a S. I. A. (Solidariedade Internacional Antifascista) realizaram, em Paris, com êxito, grande manifestação de protesto.

ESTADOS UNIDOS

Recebemos da Nova Iorque, dos companheiros da "Cultura Proletária", uma carta da qual destacamos o seguinte trecho de interesse geral para o movimento libertário:

"Com relação às atividades do movimento anarquista, pouco teríamos que acrescentar ao que, semanalmente, publicamos em "Cultura Proletária".

Aqui, como alguns dos companheiros aí radicados conhecem, a propaganda dos nossos ideais é de difícil penetração no ambiente norte-americano. É certo que aparentemente existe alguma liberdade; porém, mais do que outra coisa, essa liberdade é apenas aparente, pois a cada momento os nossos companheiros são vítimas de investigações policiais e processos, que, para manter as aparências, lhes dão caráter civil e não político, sob o pretexto das mais insignificantes causas. Devido a isso, e a diversas fets coercitivas que contra o anarquismo funcionam desde os últimos anos, somente é possível a existência de pequenos núcleos, compostos em sua maioria de elementos espanhóis, italianos ou hebreus, reduzidos quase à impotência, em virtude da poderosa difusão, neste país, da propaganda capitalista, estatal e religiosa que dominam as estações de rádio e os programas cinematográficos.

A nossa atenção está voltada para a Europa, principalmente os povos italiano, português, francês e espanhol, com a certeza de que, com o reflexo dos acontecimentos que por lá sucederão nos próximos anos, se animem as multidões mistificadas e adormecidas com os entorpecentes de uma falsa democracia.

Recebemos ultimamente vossa jornal "A Plebe", que tão magnífica história teve no passado e que não desdiz, no presente, as suas tradições revolucionárias. Igualmente "O Archote", em forma mimeográfica, que distribuímos a vários companheiros portugueses vizinhos desta cidade.

Como teréis notado, continuamos com a nossa campanha em favor da Espanha oprimida. Até o momento, durante estes últimos dez anos, fomos possíveis remeter aproximadamente sete mil dólares. Como durante os últimos dez anos se tem especulado muito com o auxílio ao povo espanhol, quer por parte dos bolchevistas quer dos republicanos, que tem aproveitado essa campanha em benefício próprio, a nossa atividade não alcança o êxito que adquiriu durante a guerra espanhola,

quando nos foi possível enviar cerca de 150 mil dólares a valorosa C. N. T. — F. A. I., bem como aos exilados na França e nas Américas.

Contudo, apesar das dificuldades mencionadas, podemos dizer que nossos esforços não são perdidos, porque vão em benefício de tudo o que nos é querido".

ITALIA

Após longos anos de submissão à tirania fascista imposta por Mussolini ao povo italiano, o movimento libertário renasce na Itália de uma forma empolgante.

Vários jornais e revistas, entre as quais "Umanita Nova" de que Malatesta foi diretor e agora Gigi Damiano dirige, estão circulando por toda a Itália revolucionária, desde as grandes cidades às pequenas vilas e aldeias.

As edições de livros da propaganda libertária sucedem-se numa continuidade animadora. De tal forma se impoz ao ambiente italiano a necessidade do livro anarquista, que uma casa editora de Milão, alheia ao nosso movimento, está editando as obras de pensadores e teóricos do anarquismo, iniciando com as obras completas de Pietro Gori em 12 pequenos volumes.

Organizado em federações locais e regionais, o movimento libertário na Itália segue a orientação da Federação Anarquista Italiana (F. A. I.), que tem a sua sede central em Carrara, a cidade dos trabalhadores do mármore, onde a F. A. I. celebrou um congresso com grande êxito, em virtude do grande entusiasmo da população.

Esse renascer do anarquismo na Itália assume uma importância fundamental, dado o fato de haver estado o povo italiano submetido ao fascismo e de se haver criado uma geração no ambiente fascista, o que vale dizer que a tendência humana para a liberdade encontra no povo italiano expressão elevada de rebeldia e ação.

LIVROS E FOLHETOS

"Socialismo autoritário e Socialismo libertário". — Dr. Max Netlau

Editado pela Guilda de Amigos do Livro, que constitui uma iniciativa feliz do Grupo Anarquista Idéia Livre, de Toulouse, França, recebemos o primeiro volume da Coleção de Estudos Contemporâneos, de autoria do velho e saudoso historiador do anarquismo Max Netlau "Socialismo autoritário e Socialismo libertário".

Em língua castelhana, acessível a qualquer pessoa, dada a sua linguagem simples e correta, este livro se recomenda pelo seu valor histórico, constituindo oportuníssimo esclarecimento sobre as duas correntes do pensamento humano que se defrontam, como nunca, na atual situação das idéias político-sociais.

Grande pesquisador do anarquismo, Max Netlau deixou à posteridade valiosos documentos relacionados com a história dos movimentos sociais em todo mundo.

Neste livro, que se lê com carinho e atenção em virtude do interesse que logo às primeiras páginas desperta no leitor, aborda, com a capacidade que lhe era peculiar, as razões históricas que determinaram a cisão produzida na Associação Internacional dos Trabalhadores e da qual surgiram, definidas, as duas correntes do socialismo: socialismo autoritário ou socialismo de Estado, de que se fez precursor Karl Marx, e socialismo libertário, definido nos congressos da A. I. T. por Miguel Bakunin.

Estuda as diversas fases da luta entre o princípio de autoridade e o conceito de liberdade, dedicando interessante capítulo ao estudo das causas econômicas e as suas consequências na luta em prol de um mundo livre.

Os estudiosos da questão social devem ler esta obra de Max Netlau.

Souza Passos

"O ANARQUISMO AO ALCANCE DE TODOS"

Vai ser editado este excelente trabalho do camarada José Oticiuca. Já está sendo impresso e não demorará em ser posto à venda.

MUNIÇÕES PARA "A PLEBE"

No próximo número começará a reaparecer esta seção, na qual prestamos contas da vida administrativa do jornal.

19 de Julho

REVOLUÇÃO LIBERTÁRIA DA ESPANHA

COMEMORAÇÃO NO SALÃO DO GREMIO DRAMATICO ESPANHO-AMERICANO, A' RUA DO GAZOMETRO, 738, A'S 20 HORAS

Relembrando a data em que teve início a luta heroica do povo livre da Espanha contra o movimento fascista e para a implantação de um regime de justiça social, o Centro de Cultura Social organizou para esse dia uma reunião familiar com o seguinte programa:

1.a — Palestra alusiva à data;

2.a — Representação, em português, pelo Grupo Dramático Teatro Social, da peça em um ato — "MADRI", da autoria de Pedro Catala;

3.a — Representação, pelo mesmo grupo, do quadro cênico — "O CORAÇÃO E' UM LABIRINTO", original de Pedro Catala.

Os convites são distribuídos na sede da rua José Bonifácio, 387, todas as noites.

A PLEBE

S. PAULO, 15 DE JULHO DE 1947

ANO 31 — NUM. 4 (Nova fase)

19 DE JULHO DE 1936

Pela Vida Livre! - sem tiranos e exploradores - com bem-estar e liberdade para todos - é pelo que lutaram - e lutam - os revolucionários espanhóis

No dia 18 de julho de 1936, o espírito e a força da contra-revolução internacional atiraram-se sobre a Espanha com o propósito de esmagar o advento de um regime de verdadeira liberdade, que possivelmente se estenderia a todo mundo. E no dia 19 de julho, um povo, pequeno pelo número, mas grande pela mentalidade, tendo-se batido heroicamente na véspera, trelando nas lutas sociais no decorrer de muitos anos, consciente do que a luta contra o fascismo representa, com magnífica confiança em si mesmo, opôs a sua ação energética e decidida à barbarie, detendo, durante três anos, a marcha dos mais encarniçados inimigos da civilização e do progresso e realiza uma das epopéias mais fecundas da história, com valor exemplar para os homens de todos os povos e de todas as épocas.

Se a tomada da Bastilha, em 14 de julho de 1789, abre, de par em par, as portas a uma nova era para a humanidade; se a revolução de julho de 1830, a de fevereiro de 1848 e a Comuna de Paris, em março de 1870, assim como a revolução de outubro de 1917 formam época na história das lutas humanas, a revolução espanhola, de julho de 1936, constitui uma perspectiva histórica cada dia maior e de maior transcendência social.

Franco e Godeu não são os únicos que em julho de 1936 encontraram o seu Waterloo antecipado: foi na Espanha onde a boa estrela de Mussolini e Hitler sofreram o seu primeiro e mais intenso eclipse.

Sem a ação do elemento libertário do povo espanhol, o totalitarismo não teria apoderado da Europa, e, talvez, do mundo inteiro, durante alguns lustros. E essa gestão gloriosa dos revolucionários sociais da Espanha foi intensamente animada pelos homens da Confederação Nacional do Trabalho (C. N. T.), pelos trabalhadores que mantiveram vivo o espírito da Associação Internacional dos Trabalhadores, pela seiva e pela ação do anarquismo militante, que se transformou em potencial livre, de indomável energia coletiva.

A semente da liberdade e da civilização, o sentimento humanista da história, as mais sublimes concepções da inteligência humana acharam expressão nos cerebros, no coração e na sensibilidade dos filhos do povo espanhol, caracterizado na sua hombridade nas lutas sociais.

xxx

No dia 19 de julho de 1936 falaram na Espanha as vozes eternas que proclamaram os direitos do homem, falaram quantos se tem levantado para combater a escravidão, a injustiça social e a tirania; falaram os sonhadores de um mundo melhor, com o anseio de superar, na linguagem dos feitos as concepções humanitárias de Owen, Cabet, Campanella, Saint-Simon e as de tantos outros idealistas do socialismo libertário, do anarquismo.

No 19 de julho o povo espanhol bateu-se pela liberdade do mundo inteiro. A morte de Calvo Sotelo não teria precipitado o levantamento militar contra a república, se Franco e os generais traidores não contassem com o apoio decidido de Mussolini e do Vaticano, que pactuara com aquele ao assinar o tratado de Lathion; com o apoio de Hitler, que fora subvencionado pelo próprio capitalismo inglês na pessoa de Bell e de outros, pelo capitalismo francês, por intermédio do Comitê de Forças e dos diretores da Skoda.

Os peitos heroicos dos que se levantaram contra os canhões de Atarazanas, onde entraram Francisco Ascaso e outros dignos filhos do povo; os daqueles que assaltaram o quartel da Montaña, em Madrid, e os dos que se bateram em Saragoça, Oviedo, Sevilha, em todas as cidades, vilas, aldeias e rincões da campanha, não enfrentaram apenas as forças de Mola ou Queipo de Llano; não venciam somente os fanáticos de Godeu, desmantelando o plano da reação espanhola; atacavam o hitlerismo e o fascismo internacional ao qual estavam e ainda estão vinculados os in-

teresses e o poderio dos Krupp e dos Vickers, dos Wendell e dos Schneider, da Standard Oil e da Royal Dutch Shell, dos Ford e de tantos outros "trusts" dos bancos e da política internacional.

Os interesses da alta finança e dos grandes latifúndios constituem a razão de ser da existência dos privilégios sociais, da injustiça e do Estado, com suas variações de regime, colorido seu irredutível fundo autoritário, tirânico e opressor. Esses privilégios é que geraram o fascismo, expressão contemporânea da ancestral vontade de predomínio de uma classe detentora da riqueza social, dos meios de produção e de consumo, do patrimônio humano, de uma minoria convertida em classe dominante e governante organizada em castas opressoras.

A gênese do movimento de 19 de julho deve ser procurada aí. Não se levantou a facção militar e reacionária contra a república por ser republicana; insubordinou-se contra a república para atacar a fundo a revolução social que, a 19 de julho, na Espanha, encontrava-se em tal estado de maturidade que só a intervenção estrangeira, lançando seu terrível potencial de forças, pôde fazê-la, momentaneamente, abortar. Mais uma vez, a Santa Aliança interveio na Espanha. Os cem mil filhos de São Luiz são as hordas hitlerianas e fascistas. Metternich teve seus emulos em Mussolini e Hitler. E a "não intervenção", a indiferença, ou, melhor, a cumplicidade de certos governos chamados democráticos ante a tragédia do povo espanhol explica-se por essa solidariedade de interesses do capitalismo internacional, do qual todos os governos, sem exceção, são servidores.

Desde a metade do século XIX, a Espanha amadureceu para a revolução transformadora. Os regimes de força naquele país surgem justamente porque os interesses dos privilegiados veem-se seriamente ameaçados. O ilusionismo democrático não pode destruir esta verdade. As cartas constitucionais rasgam-se continuamente e provocam o desequilíbrio nas instituições.

E' nestes momentos que os povos aprendem a dura lição de que só devem confiar em si mesmos, em suas próprias forças e nunca na ação do Estado, nem nas instituições autoritárias, para a defesa das suas liberdades.

Alguns quiseram ver nos pronunciamentos militares de Espanha um

atrazo político. Não compreendem que foi o grau elevado da consciência popular do povo espanhol, que representava um caráter ameaçador para os privilégios sociais, que fez com que as instituições reacionárias recorressem à força como recurso supremo para continuarem sobrevivendo.

Sem a revolução de outubro de 1917 o fascismo teria retardado o seu aparecimento na Europa. O recelo de que o grande movimento revolucionário do povo russo, malgrado pelo totalitarismo, se estendesse a outros países, precipitou o fenômeno fascista.

Se os trabalhadores italianos não tivessem ocupado as fábricas em 1920, Mussolini não teria sido chamado ao poder em 1922. Assustadas, a monarquia e a burguesia italiana, assim como a Igreja, abriram-lhes o caminho. Se o capitalismo alemão não tivesse sido seriamente ameaçado, Hitler, em 1933, não teria tomado o poder. O seu programa demagógico, neo-socialista, era a miragem oportuna para desviar os milhões de operários desempregados da Alemanha. Por isso, o capitalismo internacional estendeu-lhe a mão, até que Hitler, em sua egolatria pelo poder, com um sonho mais vasto do que o de Alexandre, representou para o próprio capitalismo internacional um ponto de desequilíbrio de demasiada densidade.

Desde 1808, na Espanha, a revolução está em marcha. Da queda de Isabel ao advento da primeira república, as idéias internacionalistas encontraram campo propício na Espanha.

O povo espanhol tem visão clara do que representa o patrimônio feudal e burguês, monárquico e eclesiástico, a posse dos privilégios sociais e políticos e, por isso, continua lutando pela liberdade.

Derrubada a primeira república após o golpe de Estado de Pavia e de Martínez Campos; depois da restauração, na Andaluzia, em 1882, agiram os camponeses como agita a Jacquerie e, apesar das terríveis repressões, dez anos mais tarde, em 1892, a Andaluzia tornou a levantar a cabeça e, no dia 8 de janeiro daquele ano, viram-se centenas de operários mal armados, em Jerez sair para a rua nos gritos de "Viva a revolução social".

Este grito nunca pôde afogar-se na Espanha. Apesar de tantos mártires, o espírito de liberdade do povo espanhol não se debilita. Na grande

greve de 1902 mostraram sua vontade inquebrantável. Em 1909, novamente fala o povo. E' o espírito da revolução social que o anima. Fazia-se Ferrer e não se compreende que assim não se abala um povo que tem fixa uma idéia em marcha, que não se detém ante nenhum obstáculo, que cada dia vê mais arraigada na mente a concepção de um mundo melhor.

Encarnação genuína dessa idéia, no povo espanhol é a Confederação Nacional do Trabalho.

E pela ação da C. N. T., depois da grande greve geral de 1917, e da greve chamada "La Canadiense", em 1919, em que se experimentou a força do proletariado espanhol contra o capitalismo internacional, proclamou-se num congresso de trabalhadores, no dia 12 de dezembro, desse ano, a marcha para a implantação do regime comunista-libertário, para o anarquismo.

Dois anos após a revolução russa, a C. N. T., sendo a organização mais potente da Espanha, fez-se a intérprete mais fiel dos anseios de um povo que compreendeu a insuficiência das formulas de 1793 e 1848 e o perigo do totalitarismo, porque tem um conceito próprio da revolução, recolhendo, intuitivamente, o ensino dos mais preclaros pensadores.

Se todo o proletariado espanhol estivesse animado pelo mesmo sentimento e pela mesma vontade que o que se achava filiado à C. N. T., o povo espanhol não teria sofrido a ditadura de Primo de Rivera, em 1923, e, possivelmente, nem Mussolini teria alcançado o poder em 1922, nem Hitler, em 1933. E' muito provável que os acontecimentos político-sociais de todo mundo tivessem tomado outro rumo.

Primo de Rivera manteve-se sete anos no poder porque falhou na Espanha a mesma ala do proletariado que falhou internacionalmente desde a cisão da Associação Internacional dos Trabalhadores, aquela que fracassou em 1914 ao votar os créditos de guerra; a que não soube opor-se, mais tarde, as conchavos de Munich e a tantos outros embustes internacionais, falhou, enfim, o movimento socialista legalitário.

xxx

A revolução espanhola prosseguiu seu curso. No dia 14 de abril, não falaram os votos: falou o povo. Galán e García Hernández haviam sido fuzilados. Galán, o herói de Jaca, compreendia a necessidade de maior justiça social. A idéia de liberdade é a meta fixa no espírito do povo. Os homens da segunda república não a sentiam como a sentia o povo espanhol, cuja capacidade política e social superou sempre à de seus governantes. E para afogar este sentimento de igualdade social a própria reação aparentou apoiar a república, enquanto que os republicanos não souberam fazer-se intérpretes dos anseios populares.

O povo espanhol sentia a necessidade de fazer a sua revolução. Sentia-a ainda hoje. E os movimentos libertários de 8 de janeiro de 1933 e 8 de dezembro do mesmo ano, responderam a este sentimento.

Um povo que ama a liberdade, deseja-a como expressão real da própria vida individual e coletiva. Uma constituição não serve de garantia para a liberdade. A de Weimar, o hitlerismo reduziu-a a nada. Os exemplos históricos são abundantes. Só os povos que não perdem o espírito revolucionário, que sabem mantê-lo energeticamente, conseguem ver respeitadas as suas liberdades.



Um caudilho trágico-comico

O descontrolado da economia espanhola, a crise da peseta, o desequilíbrio financeiro e econômico mundial influíram nos acontecimentos da Espanha. Mas esses acontecimentos contaram sobretudo com as forças impulsoras das correntes idealistas e os valores espirituais do proletariado organizado em torno da C. N. T.

A reação espanhola, em 1931, deu meios à república para evitar a Revolução Social. Se em 14 de abril a monarquia resistiu, o povo espanhol lançado à rua assestou-se da situação. A reação compreendeu o perigo e recolheu-se. Precisava ganhar tempo. O suficiente para reerguer-se, para que a república se descredenciasse, para que o auxílio fascista exterior pudesse opor-lhe a mais eficazmente. E isto, que a reação claramente compreendeu, não o compreenderam muitos republicanos. A república foi um sedativo para os anseios populares.

A Reforma Agrária, bem como outras disposições governamentais saídas das Cortes, onde predominava a maioria republicana e socialista, não bastavam para satisfazer os justos anseios do povo. Produziram-se os choques inevitáveis. Em 1934 a direita, os Lerroux e os Gil Robles, estavam no governo. Aleniz Zamora, na presidência, atestava que os anseios do povo seriam burlados.

Em outubro de 1934, Astúrias, o U. H. P., os trabalhadores da U. G. T. e da C. N. T., o povo espanhol, tornam a manifestar energeticamente a sua vontade, e de 1934 a 1936 o desejo ardente de profunda e renovadora transformação social e política em Espanha adquire cada dia proporções coletivas mais gigantescas.

A partir desse instante, a experiência da república estava feita. O povo havia-se reposto da sua miragem. Os trabalhadores da C. N. T. e da U. G. T. percebiam o sentido da verdadeira revolução espanhola, que sobrepunha a República. A reação também via claro.

Por isso, quando em 1936 as esquerdas voltavam ao poder, a reação espanhola não temeu que a revolução tivesse início por decretos ou outras medidas legislativas; compreendeu que o parlamento e o governo deviam dar satisfação aos desejos do povo; que a Espanha dos Gálvez, dos Pío Margall, dos Salvachén, dos Cossío, dos Lorenzo, pelo gênio e a vontade dos trabalhadores, artilheiros de suas próprias liberdades, ia converter-se em realidades positivas e fecundas. E as classes reacionárias, percebendo que seriam despojadas de seus privilégios, antes de ver destruídas sua autoridade e poderio, sublevaram-se contra a república para assestar um golpe decisivo à revolução do povo conciente.

Esta é a gênese do 19 de julho de 1936.

A luta da revolução contra a reação continuou na Espanha e fora dela. Ninguém poderá deter a força transformadora do povo espanhol na sua marcha para a liberdade.

ESTRANHOS..

Um Prefeito Valentão

"O jornalista Benedito Ortiz foi agredido pelo Prefeito de Avaré — (dos jornais).

Fazendo das mãos o pé, Por causa de um diz-que-diz, Poz-se aos coices no Ortiz Um Prefeito de Avaré.

E' "valiente", bate o pé E empina o sacro nariz Esse prefeito infeliz, Como galo garaiú.

Lembrando os tempos passados, De escravidão acorrentados, Tronco nu e "bacalhau",

Quer que a imprensa, enxovalhada, Continue amordaçada, Tratada a ponta de pau... Frel João Sem Cuidados

